

INÚTEIS PAISAGENS

Que tantos significados podem aflorar dessas pinturas de transparentes e coloridas aguadas acrílicas, contornos imprecisos e configurações polifacetadas, estranhos e absurdos ângulos, recortes da paisagem carioca, onde se inscrevem monotípias lineares, ora pautadas ora circulares, ademais pontuadas de palavras num falso tupi aludindo a supostas anotações toponímicas à maneira dos pintores viajantes do século XIX ?

Líricas e delicadas paisagens de um Rio de Janeiro “original”, fabulosamente reinventado, despido de sua arquitetura e sua gente: um “lugar”, nostalgicamente idílico, uma “Visão do Paraíso” edênico, anterior à “Descoberta”, a que se refere Sergio Buarque de Holanda ?

Ou, quem sabe, elas também podem ser vistas como comentário sutil e subliminar do conflito urbano universal das “máquinas de guerra das multidões”, no entender de Antonio Negri, (grupos de excluídos e tribos nômades que povoam o Império) , sua correspondência com o novo Poder (o capital especulativo transnacional) , contra o que resta do Estado e da Cidade, e sua noção de pertencimento: a crise geral da representação, das artes e da cultura em um mundo midiático, enfim, da identidade do sujeito moderno, o cidadão, em tempos de globalização? Uma reação levemente irônica e bem humorada (uma tirada carioca) , a um Rio cordial e maravilhoso que se esvai entre o caos e a violência?

Nesse mesmo sentido, não estariam essas pinturas apontando, paradoxalmente, para um outro tempo: imemorial, pré-humano e arcaico? Um tempo geológico da formação do notável relevo carioca, da identificação do sítio natural da Guanabara, que cada um de nós, brasileiros, tanto nos orgulhamos quanto envaidecemos, cultuando -o como dádiva divina, a ponto de, olhos fixados no horizonte além-mar, exportar sua imagem como cartão postal do Brasil?

Seja lá como for, cabe à arte da pintura, não mais do que celebrar a poética da força e a beleza desses possíveis. Fazer como na canção de Tom Jobim e Aloysio de Oliveira, e perguntar, simplesmente – “Pra que? Pra que tanto céu, prá que tanto mar? Pra que? “... Inúteis paisagens!

Mollica, 21 de março de 2002